

O Conceito de Projectão e as Técnicas Projectivas: A sua Tradução no Rorschach e também no TAT (*)

ISABEL BERNARDO FERNANDES (**)

Gostaria de poder começar esta comunicação *projectando* um quadro de Magritte: uma tela, com uma paisagem pintada, colocada em frente de uma janela aberta, substituindo e ocultando, em grande parte, a paisagem que dela se deveria avistar realmente. Quadro a que o autor deu o título de «A condição humana», condição humana que limita, reduz a percepção do Homem ao que ele próprio constrói.

E depois poderia ir buscar Kant e a sua distinção entre númeno e fenómeno. A coisa em si não é acessível ao pensamento, para que ela se torne cognoscível tem que ser submetida às intuições do espaço e do tempo e a conceitos puros do entendimento e o resultado final é já aparência e não coincidência.

E citaria a seguir Sami-Ali: «O que percebemos a cada momento é a resultante do ser das coisas e do que nós somos. Antes de servir como defesa, o processo projectivo contribui para modelar o mundo a fim de fazer dele um universo cultural» (p. 65).

Assim, eu passaria da metafísica para a psicologia, relacionando-as numa problemática

fundamental da teoria do conhecimento: como é possível o pensamento objectivo, ou, será que ele é possível?

Tudo leva a concluir que não, que a nossa representação da realidade é, de facto, uma construção. Será na medida em que desconstruirmos essa representação, em que tenhamos acesso ao reconhecimento dos filtros e dos esquemas que nos separam dela (realidade) que mais dela nos aproximaremos, embora talvez utopicamente.

Ora as Técnicas Projectivas, se bem que focando os filtros psicológicos, e não outros, que se interpõem entre cada um de nós e o objecto, são um instrumento privilegiado, eu diria apaixonante, para este trabalho de desconstrução ou desmontagem.

Diz-nos C. Chabert: «Enquanto objecto potencial, imaginado – isto na ausência de configurações concretas do material – o Rorschach vai permitir uma elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, dos modos de estabelecimento da sua relação com os objectos, dos fantasmas e dos afectos que estão por detrás das palavras-imagens que ele nos vai dar: todo um campo aberto às suas associações pela indução da projecção tornada possível graças ao carácter vago do material» ... «A *distância* estabelecida entre o sujeito e o material será rica de significações...» (p. 12).

Nas Técnicas Projectivas, fazemos de conta que o estímulo é a realidade em si e, passando

(*) Comunicação apresentada no V Seminário AEISPA «Projectão – Psicanálise/Técnicas Projectivas», Lisboa, ISPA, Janeiro de 1990.

(**) Assistente Convidada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

por cima de toda a distância já existente entre sujeito e objecto, estudamos como para cada um de nós o seu entendimento e a sua representação são diferentes. E tentamos explicar porquê.

É ao que cobre essa distância entre estímulo e resposta e ao que justifica as diferenças inter-individuais que se deve esta designação adjectivante de *projectivas* (técnicas).

Trata-se aqui, num primeiro momento, de considerar a projecção no seu sentido mais lato, segundo o qual o sujeito percebe o meio ambiente e lhe responde em função dos seus próprios interesses, aptidões, hábitos, estados afectivos duráveis ou momentâneos, expectativas, desejos, etc. (Laplanche & Pontalis, 1971).

Neste sentido, toda a resposta obtida nos testes e todo o comportamento manifestado podem ser entendidos como projecção, i.e., como manifestação de modos próprios (mais ou menos diferenciados em relação à norma, não importa) de se aproximar do mundo e de o interpretar.

Mas a verdade é que em linguagem comum, e não de todo correcta, utilizada pelos psicólogos projectivistas (chamemo-nos assim...) há respostas mais projectivas que outras. Respostas há que, pela sua distância relativamente ao estímulo, mostram, de imediato, modos de funcionamento caracterizadores de uma personalidade e, por vezes, de uma patologia. Esta distância implica como que um esquecimento da situação de teste, de fazer de conta, de jogo, e o dotar do estímulo de uma força e de um significado que nada ou pouco tem a ver com ele próprio.

Paradigma desta situação é a resposta ao Rorschach que obtivemos por parte de um homem de 32 anos, psicopata grave. Perante o Cartão VI exclama: «Oh! my God! (e depois...) Em cima acho que é um calvário, um sacrifício. Em baixo é uma vértebra a escorrer sangue por todo o lado.» No inquérito fica siderado face à nova apresentação do cartão e à evocação da primeira resposta – «calvário». Os olhos ficam rasos de lágrimas e o silêncio é total. Interpelado, pergunta-me num crescendo de emoção, de sofrimento e, simultaneamente de revolta, se já tinha olhado bem para a sua cara crivada de cicatrizes, se quero que me mostre as costas marcadas, o braço marcado... A mancha era o seu corpo. Houve um processo de identificação, uma assimilação total do visto ao vivido, numa tradução terrível de sofrimento e, ao mesmo

tempo, de perda de controlo. Exemplo excessivo este talvez, mas real.

Vejam os outros: Mulher de 29 anos, neurótica histérica grave, Cartão III – «Duas pessoas que se encontram a tirar água do mesmo poço. Cada qual com a sua vasilha, um jarro, um balde ou qualquer coisa.» No inquérito: «Somos nós duas que vamos a uma fonte buscar água» diz, referindo-se a ela própria e à examinadora e mimando, em seguida, a situação de encontro: «Olá, como está, passa bem?... (etc.)» e esclarece: «*O vermelho é para as pessoas não falarem na vida dos outros.*» E continua o diálogo no género: «Sabe, a vizinha está outra vez no hospital...?» – aludindo ao facto de se encontrar hospitalizada e simulando os comentários prováveis da vizinhança. É uma resposta banal, mas como ela revela toda a labilidade frequente na neurose histérica e é a tradução directa do relacional e da instância superegógica!

Só mais um exemplo, desta vez no TAT. Trata-se da mesma senhora face ao Cartão 10: «Aqui é uma cena de carinho, de afecto. Dois seres que se amam. Encontram-se no escuro, mas o escuro é bom para eles. Como se amam acariciam-se. É fácil de ver, não é verdade? E não precisam de luz, nem de nada. O próprio tacto das mãos... Se conhecem e se amam.» Trata-se de uma resposta com uma legibilidade razoável, em articulação com o conteúdo manifesto e o conteúdo latente, traduzindo uma carga erótica e sensual muito importante.

Nestas respostas, de qualidade diferente, os sujeitos tornam de facto o material num instrumento excelente de projecção, isto é, apropriam-se dele e *transformam-no*.

Neste sentido, pois, no conceito de projecção cabem todos os processos ou mecanismos utilizados pelo sujeito no tratamento do estímulo, incluindo, claro está, o mecanismo de defesa projecção.

E é desse que agora vamos falar.

Diz-nos Roy Schafer, que vamos seguir a partir de agora, que «a projecção é um processo pelo qual uma tendência interna inaceitável é atribuída de forma irrealista a uma outra pessoa ou a outros objectos do meio, em vez de ser reconhecida como parte do próprio sujeito» e aqui estamos perante a definição inequívoca. E ainda: «As projecções patológicas têm geralmente dois

aspectos: a desconfiança e a megalomania (possível pela “purificação” provocada pela primeira), embora possa predominar um destes aspectos» (cap. 9).

Atendendo a isto, comecemos por abordar a tradução da projecção no Rorschach. Quais os indicadores que devemos considerar para a reconhecermos? Vamos atender a três fontes de informação: à atitude face ao teste, ao conjunto das cotações e aos temas dominantes. Os comentários que se seguem têm por referência o funcionamento paranóide.

1. A atitude face ao teste é gerada por uma vivência de grande mal-estar face a uma situação suficientemente ambígua para impedir a compreensão inequívoca quer dos estímulos, quer das respostas. Inconscientemente o sujeito receará «ser apanhado», de uma forma consciente justificará o desconforto pelo receio de ser mal compreendido. Assim surgirá um interesse e preocupação pelo registo textual de tudo o que exprime, pedirá explicitações sobre as instruções, tecerá comentários relativos às semelhanças e/ou diferenças entre os cartões e sobre a ausência de simetria perfeita, pedirá explicações sobre os objectivos reais do teste, etc. Tudo numa tentativa de controlar a situação ou de justificar as suas respostas por razões que não lhe sejam imputáveis. No entanto, os traços megalomaniacos podem anular este tipo de comportamento e surgir de algum modo o oposto: o excesso de auto-confiança, de menosprezo pela situação ou a posição paternalista, benevolente, de quem não quer levantar problemas ao outro.

2. Tendo em conta as cotações vamos, primeiramente, considerar as *localizações*.

Com o funcionamento megalomaniaco aumentará o número de respostas globais (numa demonstração de capacidade intelectual, de abarcar o todo, de cumprir da melhor forma o que lhe é proposto) as quais serão vistas tanto mais incorrectamente quanto mais grave for a patologia.

A desconfiança, por sua vez, vai ser expressa na elevação de respostas de pequeno detalhe de pequena dimensão, por vezes hiperelaboradas e arbitrarias. Esta tendência para a atenção ao pormenor é produto da hipervigilância e procura de apoio no concreto. Pode também surgir o

ignorar do mais óbvio, do mais evidente e o relevar do que não é esperado, do mais improvável - significando uma preocupação em não cair em rasteiras, a necessidade de perscrutar as situações à procura de sentidos ocultos. Neste sentido podem aparecer diversas inversões de figura-fundo com a interpretação dos espaços brancos.

Vejamos agora os *determinantes*.

O estado de alerta constante do funcionamento paranóide conduz à quebra de espontaneidade e à triagem de estímulos e respostas para que não aconteça uma expressão de sentimentos ou impulsos intoleráveis. Isto leva muitas vezes a uma grande restrição de respostas. Encontraremos então uma percentagem elevada de respostas formais que pode ser acompanhada de um F+% também elevado e de um ΣC reduzido, com o aspecto formal dominante. As respostas K e kp (movimento humano) podem aparecer em número expressivo, de acordo com a actividade ideativa própria desta patologia. A sua qualidade formal nem sempre é positiva, naturalmente.

Como extremo desta atitude restritiva podemos encontrar recusas a vários cartões ou mesmo recusa em responder ao teste. Contudo, e porque as coisas nunca são simples, podemos encontrar também atitudes expansivas aliadas a sentimentos de grandiosidade e então obteremos protocolos ricos com um leque de determinantes variado.

Quanto aos *conteúdos*: A posição de precaução e de desconfiança poderá aumentar o número de respostas A, fáceis de reconhecer embora por vezes informativas, e a hipervigilância poderá proporcionar várias respostas Ad e Hd. No caso de delírio somático, poderemos encontrar um número expressivo de Anatomias e poderemos também encontrar um número significativo de respostas Sexo sempre que o tema seja especialmente significativo para o sujeito e desde que não haja uma censura consciente destas respostas ou uma atitude restritiva geral face ao teste. Reflectindo a sua atitude interpretativa, a sua sensibilidade a códigos, a sinais mágicos, a presságios, o paciente paranóide é quem mais reconhece formas geométricas regulares (triângulos nos Dbl/detalhes brancos interiores do Cartão I), letras do alfabeto (como um H no vermelho central do Cartão III) e sinais de pontuação (como um ponto de interrogação numa das pintas exteriores e inferiores do cartão I).

3. Focando agora os *temas* (expressos pelos conteúdos mas não diferenciados na cotação): A projecção resulta num sentimento de perigo envolvente e evoca sentimentos de necessidade de protecção. É, pois, natural que os conteúdos nos informem sobre o tipo de ameaça (acusatória, hostil, erótica...) e sobre os modos de autodefesa (fuga, esconderijo, poder, etc.).

A projecção do superego é expressa a partir de conteúdos significativos de incriminação ou acusação: olhos, dentes afiados, impressões digitais, pegadas, detectives ou polícias, faces inquietantes, etc. A projecção da hostilidade é geralmente experimentada como medo de ser assaltado, apanhado numa cilada, oprimido, etc. Assim, figuras más, ameaçadoras, armadilhas, teias de aranha, escuridão, figuras ocultas na totalidade, ou em parte, serão significativas.

A necessidade de protecção contra a ameaça exterior pode manifestar-se de diferentes formas: pode eleger meios de ocultação, de protecção ou de fuga e assim aparecerem-nos perceptos como escudos, armaduras, máscaras, carapaças de tartaruga ou de caranguejo e figuras escondidas ou a fugir; pode transformar-se numa vivência megalomaniaca, capaz de enfrentar todos os desafios, teremos então monumentos, coroas, cetros, brasões, reis, profetas, pessoas famosas, tudo relacionado com o poder; pode ainda expressar-se pela tradução de fracasso ou de vitimização – podem aparecer asas de borboleta mutiladas, edifícios bombardeados, pessoa a ser torturada.

Para terminarmos esta caminhada com Schaffer teremos que nos referir à regressão, sempre presente na patologia paranóide. Esta regressão vai manifestar-se não só na «primarização» de pensamentos e perceptos (inadequações formais, confabulações, lógica arbitrária...) mas também na presença de representações de ordem pré-genital. Assim, poderemos encontrar temas orais de devoração e hostilidade (teias de aranha, dentes, maxilares...), temas predominantemente anais (sujidade, figuras vistas por detrás, caudas, ânus, etc.), temas fálico-agressivos (pénis gigantesco, pontas de flecha, canhões, etc.) e ainda conteúdos homoeróticos (inversão de sexos, adornos femininos nos protocolos masculinos, temas masculinos nos protocolos femininos, etc.). Deveremos identificar os temas dominantes e a crueza, a concepção arcaica destes temas.

Isso permitir-nos-á caracterizar a problemática pressionante e ajudar a conhecer o grau de repressão prevalecente, as falhas defensivas e a distância em relação a realidade.

Segundo a nossa própria experiência, no Rorschach, o que mais evidenciará, de um modo flagrante, o mecanismo projectivo será a atenção a pequenos pormenores, por vezes numa sequência de respostas de má qualidade formal. Há a expressão de uma necessidade de agarrar o concreto, de se fixar nele e nele apoiar a pretensa justiça da sua interpretação. Estes pequenos pormenores ou pequenos detalhes são por vezes parte integrante dum percepto mais geral mas que vão merecer, subitamente, um comentário particular do sujeito (numa borboleta referir-se-á às antenas, à sua forma ou dimensão ajustadas ou não); podem ser génese de respostas confabuladas ou próximas da confabulação; ou podem ser perceptos por si, muitas vezes com conteúdo agressivo (garras ou dentes, por exemplo). Significativa é também a presença de perceptos ameaçadores ou perscrutadores como *olhos*, talvez esta a resposta mais característica. Há a apercepção de olhos isoladamente ou, então, o cuidado de, ao descrever um rosto de pessoa ou um focinho de animal, se lhes referir particularmente. Estes dois aspectos, atenção aos pequenos detalhes de pequena dimensão e perceptos de conteúdo persecutório, (a exigir um comentário e uma diferenciação do que se passa nas neuroses obsessivas), serão os que mais se salientam.

Passemos agora ao TAT.

Utilizando a folha de análise de Vica Shentoub e, mais uma vez, segundo a nossa própria experiência, no TAT o mecanismo projectivo traduzir-se-á por um ir e vir entre os mecanismos A, da série de rigidez, os mecanismos P, da série de inibição e os mecanismos E, significativos de emergência do processo primário.

A desconfiança e a interpretatividade procuram o seu apoio no estímulo, no concreto, no real. Assim, teremos descrições detalhadas da imagem ou, ainda com mais frequência, atenção especial a um detalhe mais ou menos banal. Estes processos oscilam ou são mesmo substituídos pela percepção de Dd raros ou bizarros e por justificações arbitrarias a partir destes Dd. Aparecem precisões numéricas e também hesitações entre interpretações diferentes. O primeiro pro-

cesso enquadra-se no que se disse anteriormente, o segundo insere-se na linha da precaução, do não comprometimento e, por vezes, assemelha-se ou aproxima-se da instabilidade do objecto psicótico.

A percepção de objectos deteriorados ou de personagens doentes ou aleijadas, a percepção de maus objectos, a procura arbitrária da intencionalidade da imagem e/ou das fisionomias e atitudes, a clivagem de objecto são outros processos fundamentais deste funcionamento.

Os protocolos restritivos apresentarão um acumular de processos A e P, com vantagem para estes. Haverá, pois, naturalmente, uma tendência para a restrição geral, uma ausência de expressão de conflitos e tempos de latência longos que, aliás, poderão significar, a par de uma dificuldade real de elaboração, um tempo para triagem do que pode ou não pode ser dito.

A própria trama das narrativas traduzirá sentimentos de ciúme, de desconfiança, de perseguição.

A faceta megalomaniaca revelar-se-à mais directamente no conteúdo das narrativas, nas características das personagens apresentadas, no desenrolar das situações. O Cartão I é o cartão privilegiado para permitir esta expressão.

Esta exposição foi completada pela apresentação de um protocolo de Rorschach de um homem de 37 anos, com o diagnóstico de esquizofrenia paranóide, e de um conjunto de respostas ao TAT pertencentes a um protocolo de um jovem de 23 anos, também com o diagnóstico de esquizofrenia paranóide.

BIBLIOGRAFIA

Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en clinique adulte – Interpretation psychanalytique*. Paris: Bordas.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1971). *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: PUF.

Sami-Ali (1977). *De la projection – Une étude psychanalytique*. Paris: Payot.

Schafer, Roy (1954/70). *Psychoanalytic Interpretation in Rorschach Testing – Theory and application*. New York: Grune and Stratton, 7.^a ed..

RESUMO

Numa primeira parte, reflectiu-se sobre o significado da projecção enquanto adjectivante de métodos *projectivos*. Numa segunda parte, apontam-se os modos de tradução do mecanismo de defesa projectivo no Rorschach, segundo Roy Schaffer. Acrescenta-se ainda uma informação sucinta sobre a tradução deste mecanismo no TAT, a partir da folha de análise de V. Shentoub, segundo reflexão e prática pessoais.

ABSTRACT

First, there is a reflection about the meaning of projection as an adjective in *projective* methods. Then, we point out the modalities of the manifestation of the projective defense mechanism in the Rorschach according to Roy Schaffer. We add also a concise information about the manifestation of this mechanism in TAT, following the analysis grid of V. Shentoub, and according to our own reflection and experience.

RESUME

Dans une première partie, la réflexion a porté sur la projection en tant que forme adjectivante en méthodes *projectives*. Dans une deuxième partie, on indique les modalités de traduction du mécanisme de défense projectif au Rorschach, selon Roy Schaffer. On ajoute aussi une information succincte sur la traduction de ce mécanisme au TAT, à partir de la feuille d'analyse de V. Shentoub et d'une réflexion et pratique personnelles.